# O ano da virada

## *Em ciclo bienal de alta, cultura conta com a melhoria dos preços internacionais*

A aposta de que 2004 será o ano da virada e da retomada da cafeicultura é grande. Nas últimas quatro temporadas, os preços internacionais não remuneraram de forma favorável a lavoura. Em 2003, face à liberação do Fundo de Defesa da Economia Cafeeira e à adoção de preços mínimos por meio de leilões, o setor ganhou oxigênio. Com toda dificuldade, entre 1993 e 2003, no campo, a produtividade passou de 8 sacas para 21 sacas por hectare, enquanto a área plantada cresceu de 1,5 para 2,6 milhões de hectares.

O orçamento do Funcafé é de R$ 1,2 bilhão, e os produtores devem R$ 800 milhões, a serem pagos em quatro anos. Existem mais de R$1,2 bilhões em pendências renegociadas, a serem pagas no prazo entre 12 e 25 anos na securitização. A solicitação de recursos é de R$2 bilhões (45% para custeio; 20% para colheita e 35% para comercialização), mas a disponibilidade não passa de 20% desse valor.

Para a safra de 2004/05, haverá maior necessidade de crédito para a comercialização dos cafés arábica e robusta. A produção terá um incremento de 25,3% a 40,4%, de acordo com levantamento divulgado pelo MAPA, em relação à produção obtida no ano passado.

Em ciclo de alta bienal e frente a condições climáticas favoráveis nas principais regiões de plantio, a produção do arábica recupera abaixo de seu potencial técnico. As dificuldades financeiras enfrentadas pelos cafeicultores causaram uma redução no nível de adubação, no tratamento fitossanitário e nas práticas culturais. O exercício de 2003 foi muito difícil, pois os preços foram insuficientes para gerar investimentos adequados ao desenvolvimento da lavoura.



A intensidade da florada e da frutificação do café arábica melhorou, em comparação com a anterior. Essa constatação serve para os estados do Paraná, Rondônia e a região Norte/Nordeste do Espírito Santo. As chuvas de granizo no sul de Minas Gerais durante novembro provocaram queda nas flores e afetaram negativamente a produção.

Nos Estados do Paraná, Rondônia e Norte/Nordeste, o clima não foi ideal para a formação dos grãos. A seca voltou a se repetir, e a produção de conillon deverá apresentar ligeira baixa. O governo já adotou uma série de medidas de apoio à cafeicultura neste ano, como a prorrogação de empréstimos para 2005 e recursos para colheita e estocagem da safra atual.

O Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) estuda a possibilidade de liberar recursos para igualar as taxas de juros para empréstimos do setor cafeeiro. Discutida na reunião do Conselho Deliberativo da Política do Café (CDPC) deste mês, a medida visa obter R$600 milhões para financiar as atividades da cadeia produtiva. Mas precisa ser aprovada pelo Conselho Monetário Nacional (CMN).

A equalização é a diferença entre o custo de captação e o custo de aplica-

ção do FUNCAFÉ (9,5% a.a.). Para equalizar os R$600 milhões, são necessários R$60 milhões. O governo deve montar um programa de venda dos estoques vinculados às opções. A percepção é de que há espaço para inserção de venda até o final do primeiro semestre.

Embora seja o maior produtor mundial de café e o segundo maior mercado consumidor, o Brasil concentra sua comercialização nos cafés verdes. Nos produtos industrializados, Alemanha e Itália estão entre os primeiros do *ranking*. São países que importam grãos brasileiros para torrar, moer e vender aos continentes da Ásia, Europa, África e América do Norte.

O Programa Setorial Integrado para a Exportação de Café Industrializado-PSI, um projeto da Agência de Promoção de Exportação-APEX, em convênio com o Sindicato da Indústria de Café do Estado de São Paulo, visa ampliar o perfil exportador brasileiro com o café torrado e moído, agregando valor ao produto e alavancando as vendas para o mercado externo. Os recursos envolvidos somam R$11,5 milhões e contam com aporte em partes iguais da APEX e das empresas.



Estoques Mundiais de Café - Fonte OIC

## Cafés do Brasil

Com um sistema de qualidade estruturado, as empresas são submetidas a testes e análises laboratoriais. É preciso garantir um padrão mínimo aceitável para o produto. A idéia é construir a marca de origem "Cafés do Brasil", para dar uma percepção mundial de qualidade e excelência à mercadoria nacional.

O programa beneficia toda a cadeia produtiva. O produtor terá maior demanda dos torrefadores pela matéria-prima especial. O comércio terá mais renda ao trabalhar com os cafés Superior e Gourmet. Novas cafeterias irão aparecer. De 2003 para 2004, os embarques passarão de 123,8 mil sacas para 196,5 mil sacas, e as receitas irão de US$17,7 milhões para US$28,3 milhões. O produto estocado e moído vale US$480 a saca, e o produto verde, US$100 a saca.

Entre os cafés verde e solúvel, as exportações para 2004 estão projetadas para crescer de 6 a 7% em quantidade e 15% em receita. A produção de orgânico, cujo custo supera em 20% a lavoura convencional, deverá chegar a 255 mil toneladas, com preços médios em torno de R$150/saca, mas que variam conforme o país importador. O comércio mundial é estimado em 800 mil sacas. O maior exportador é o México, onde o produto é cultivado em florestas nativas pelos indígenas, com 600 mil sacas. O Brasil deverá embarcar 100 mil sacas, e o restante será ofertado pelos países da América Central.

No mercado internacional, a recuperação dos preços segue em marcha lenta. Existe um descompasso entre a produção e a demanda mundial. Desde 1998, havia sobre-oferta, porém, em 2004, será o segundo ano consecutivo de excesso de demanda. Os estoques nos países importadores, onde se consome três quartos do total, caíram de forma significativa. Os indicativos são de que as cotações continuarão a avançar. Uma boa expectativa, tendo em vista que a maior parte das exportações brasileiras ocorre no segundo semestre, justamente na estação mais fria dos países do cone norte. ■

**Plano da safra 2003/04**

| | |
|---|---|
| Recursos | obrigatórios do crédito rural (MRC 6.2) |
| Juros de comercialização | 8,75% a.a. |
| Juros de custeio | 9,50% a.a. |
| Beneficiários | cooperativas, beneficiadores, indústrias |
| Financiamentos | Com base nos preços mínimos |
| Vencimento | 31 de março de 2005 |
| Limite por beneficiado | R$140.000,00 |
| FUNCAFÉ - colheita e estocagem | R$400 milhões - 4,0 milhões de sacas |
| FUNCAFÉ - repactuação | R$900 milhões - 9,0 milhões de sacas |
| LEC e EGF (PGPM) | R$200 milhões |
| CPR - BB | R$445 milhões |
| Contrato de opções de venda | 3 milhões de sacas ( exercidas 980,1 mil) |

**Banco do Brasil: aplicação em café- safra de 2003/04 - R$**

| Produto | Custeio | Comercialização | Total |
|---|---|---|---|
| Comercialização | - | 59.190 | 59.190 |
| Custeio | 17.235 | - | 17.235 |
| EGF | - | 50.878 | 50.878 |
| FCO rural | 8 | - | 8 |
| FUNCAFÉ | 195.545 | 6.494 | 202.039 |
| PROGER Rural | 11.016 | - | 11.016 |
| PRONAF | 179.200 | - | 179.200 |
| **Total** | 393.104 | 106.564 | 499.668 |

**Plano de safra 2004/05**

| | |
|---|---|
| Recursos - FUNCAFÉ | R$400,00 milhões |
| Juros | 9,5% ao ano |
| Beneficiários | Cooperativas e produtores |
| Limite por hectare | R$600,00 |
| Limite por produtor | R$100.000,00 |
| LEC e EGF | R$200 milhões |
| Reembolso | 90 dias após a colheita |
| Alongamento do reembolso | Idênticas do crédito para estocagem |
| Prorrogação para 200 | 55 milhões de sacas - R$500 milhões |
| Colheita e estocagem | R$500 milhões |